



IRMÃS DA CHUVA

GABRIELA ROMÊU * ANABELLA LÓPEZ

**MATERIAL DIGITAL
DO PROFESSOR**

por Cristiane Tavares

 Peirópolis

Carta aos professores

Caro educador, cara educadora:

Bem-vindo, bem-vinda ao Manual de *Irmãs da chuva*, obra que pode ser considerada um conto, no estilo de um conto de fadas bem brasileiro ou até mesmo de um conto de encantamento. Nessa história passada num dos sertões de nosso país, numa cidadezinha chamada Tururu do Sul, duas irmãs benzedoras, com poder de reza, precisam fazer parar uma chuva torrencial, tempestade que durou sete dias, sem trégua. As irmãs, Feliciano e Damiana, haviam sido criadas entre milagres e garrafadas, e tinham herdado o dom dos dons – aquele de fazer chover no sertão. Por isso mesmo, eram conhecidas como as *Irmãs da chuva*. Só que para isso acontecer, elas precisavam seguir à risca o jeito de pedir: no alto do cruzeiro da cidade, cantarolando juntinhas. Um dia, distraída, Feliciano pede a chuva, cantando sozinha, da janela de sua casa. O resultado? Uma chuvarada desmedida. Para fazer parar, só mesmo as duas irmãs, enfrentando provas pelo caminho, até chegar ao cruzeiro de Tururu do Sul.

Trata-se de uma história inventada, mas foi inspirada em muitas acontecências presentes em nossos sertões, em muitos

Brasis que ainda seguem vivos por aí. Gabriela Romeu, jornalista, documentarista e escritora, tem uma larga vivência em projetos dedicados à infância e à cultura. Fez muitas viagens pelo Brasil e pelos sertões, conhecendo, recolhendo e divulgando jeitos e saberes de crianças, com seus brincares. Nessas viagens, Gabriela conheceu muita gente dos sertões, suas culturas e conhecimentos – rezas, simpatias, cantorias, cuidados e acodimentos, criando um inventário desses saberes. *Irmãs da chuva* nos traz um tanto desses lugares, que fazem parte de nossa história, do modo de vida de nossos ancestrais.

As ilustrações criadas por Anabella Lopez, artista argentina que vive no litoral de Pernambuco, também nos remetem a ancestralidades. Para realizar esse trabalho, a artista recriou o imaginário sertanejo por meio da linguagem simbólica da narrativa do herói, das cartas do tarô, das runas e outras formas divinatórias.

Por conta disso tudo, um dos temas que podem ser explorados a partir da leitura da obra é **o encontro com a diferença**, pelo fato de apresentar outros valores e conhecimentos de nossa terra, colaborando para que as crianças possam se aproximar da diversidade cultural que compõe nosso país. Além disso, há também muita **diversão** e **aventura**, como acontece nas histórias em que heróis e heroínas precisam vencer etapas e desafios em sua jornada.

O material que você tem em mãos está organizado em três seções, a saber:

1. **Contextualização** – contexto da obra, tema e autoria.
 2. **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino fundamental?** – justificativas da pertinência da adoção nessa etapa da escolaridade, estabelecendo diálogos com documentos norteadores, como por exemplo, a BNCC e o PNA.
 3. **Propostas de Atividades** – sugestões de atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura para que se possa ampliar os sentidos construídos na leitura e propor desdobramentos que sejam pertinentes à exploração do livro.
- **Bibliografia comentada** – referências bibliográficas utilizadas com breve comentário sobre cada obra, situando o professor frente às obras que serviram de apoio na elaboração do material.
 - **Referências Bibliográficas complementares** – sugestões de obras que dialogam com o livro adotado, seus temas e possibilidades de abordagem na escola.

Esperamos que tenha uma boa leitura!

Copyright © 2021 Editora Peirópolis

Este conteúdo digital é parte integrante do *Livro do Professor*
– Edição especial PNLD 2023

Editora: Renata Farhat Borges
Texto: Cristiane Tavares
Revisão: Mineo Takatama
Diagramação: Elis Nunes



Editora Peirópolis Ltda.
Rua Girassol, 310f – Vila Madalena
05433-000 – São Paulo – SP – Brasil
tel.: (55 11) 3816-0699
professor@editorapeiropolis.com.br
www.editorapeiropolis.com.br

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. CONTEXTUALIZAÇÃO | 5 |
| 2. POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL | 8 |
| 3. PROPOSTAS DE ATIVIDADES | 10 |
| BIBLIOGRAFIA COMENTADA | 21 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES | 22 |

1. Contextualização

Título: Irmãs da chuva

Autor: Gabriela Romeu

Ilustrador: Anabella Lopez

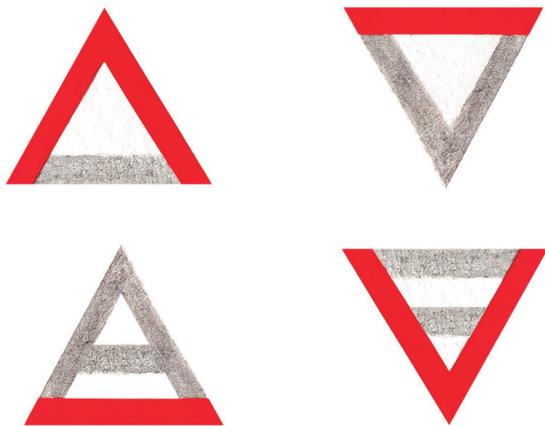
Páginas: 88

ISBN: 978-65-5931-102-6 (Livro do estudante)

Categoria 2: Obras literárias para o 4º e 5º anos do Ensino Fundamental

Gênero: Conto

Temas: Encontros com a diferença; diversão e aventura



Irmãs da chuva é uma história com duração exata de sete dias de tempestade que se passa em um vilarejo afastado das grandes cidades, de nome Tururu do Sul, onde as mulheres criavam sozinhas seus filhos, na beira do rio, porque os homens, pescadores, partiram dali quando o rio parou de dar peixes. As protagonistas são duas irmãs, Feliciano e Damiana, que nasceram com o dom de fazer chover no sertão. Para surtir efeito, o poder de fazer chover das duas irmãs tinha que seguir algumas regras: elas precisavam cantarolar juntinhas, no alto do cruzeiro de Tururu do Sul. É justamente porque uma delas, Feliciano, descumpre essa regra e canta sozinha, sem prestar muita atenção às palavras que entoava, que a chuva torrencial desaba sobre o vilarejo. A partir daí, tem início uma aventura para fazer parar a chuva. É a bordadeira de Tururu do Sul, Noquinha, que traça com agulha e linha o caminho que Feliciano e Damiana deveriam percorrer para chegar ao alto do cruzeiro e cantarem juntinhas para a chuva parar. Ela risca um “plano bordado”, indicando a cada uma delas o seu caminho. No percurso até o cruzeiro, as duas irmãs percorrem brejos, riachinhos, veredas, pontes, rios, recebem ajuda dos moradores do vilarejo e de algumas personagens fantásticas que encontram: Pesadeira, Nhô Nhô Bento, Caboclo d’Água e tantas outras. Enquanto percorrem o trajeto, Feliciano e Damiana carregam seus objetos-amuletos, cantam e rezam.

Há muitos acontecimentos inexplicáveis ao entendimento da razão que provocam estranhamento neste conto. Essa

é uma das razões pelas quais esse gênero textual recebe o nome de conto de encantamento. Trata-se de uma história com presença de elementos mágicos e misteriosos que ajudam as outras personagens a resolverem conflitos e desafios. Entremeados à narrativa principal, há outros gêneros textuais, como cantigas, quadrinhas, repentes, desafios, versinhos, alguns inventados pela autora, Gabriela Romeu, e outros que já fazem parte da cultura popular brasileira. Há também rezas, mandingas e simpatias que integram as crenças diversas do povo brasileiro, de origem principalmente indígena e africana. A mistura dessas crendices todas cria um caldeirão poético que confere ritmo e musicalidade à narrativa. Um exemplo pode ser visto no trecho de reza que Feliciano carrega anotada num papelzinho:

● Santa Bárbara, Iansã, Oyá bendita,
● Matamba que nos céus estais escrita,
Com canto, reza e água de cheiro,
Espantai a tormenta do nosso terreiro.
● (p. 34)

Nesse trechinho aparecem, lado a lado, uma santa de origem católica, Santa Bárbara, e um orixá de origem iorubá, Iansã. Matamba, citada no segundo verso, é entidade dos ventos, raios e tempestades dos povos bantos. Feliciano e Damiana são personagens cheias de fé e sabedoria, como muitas rezadeiras e benze-

deiras que habitam os sertões brasileiros. As outras personagens, como a madrinha Alexandrina, o tio Quinca, o Maneloião, também têm dons, saberes e fazeres que lembram o modo de vida e os costumes do povo brasileiro que vive, principalmente, nos sertões e nas comunidades rurais do país. Gabriela Romeu é uma grande pesquisadora da cultura brasileira e, certamente, se inspirou em suas viagens e estudos para criar as personagens desta história. Além de escritora, ela é jornalista e documentarista, especializada em pesquisar as infâncias brasileiras.

VOCÊ SABIA?

Gabriela Romeu escreveu outros livros que também trazem personagens encantadas, reais e inventadas, vivendo aventuras incríveis: *Terra de cabinha – Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão* (2016); *Lá no meu quintal – O brincar de meninas e meninos do Brasil* (2019), e *Álbum de família – Aventuras, memórias e efabulações da trupe familiar Carroça de Mamulengos* (2019).

Em 2011, ela criou, em parceria com Marlene Peret e Samuel Macedo o Infâncias, projeto que registra o cotidiano, o imaginário e o brincar das crianças brasileiras de diferentes regiões do país. Você pode conhecê-lo melhor acessando o *link*:

www.projetoinfancias.com.br

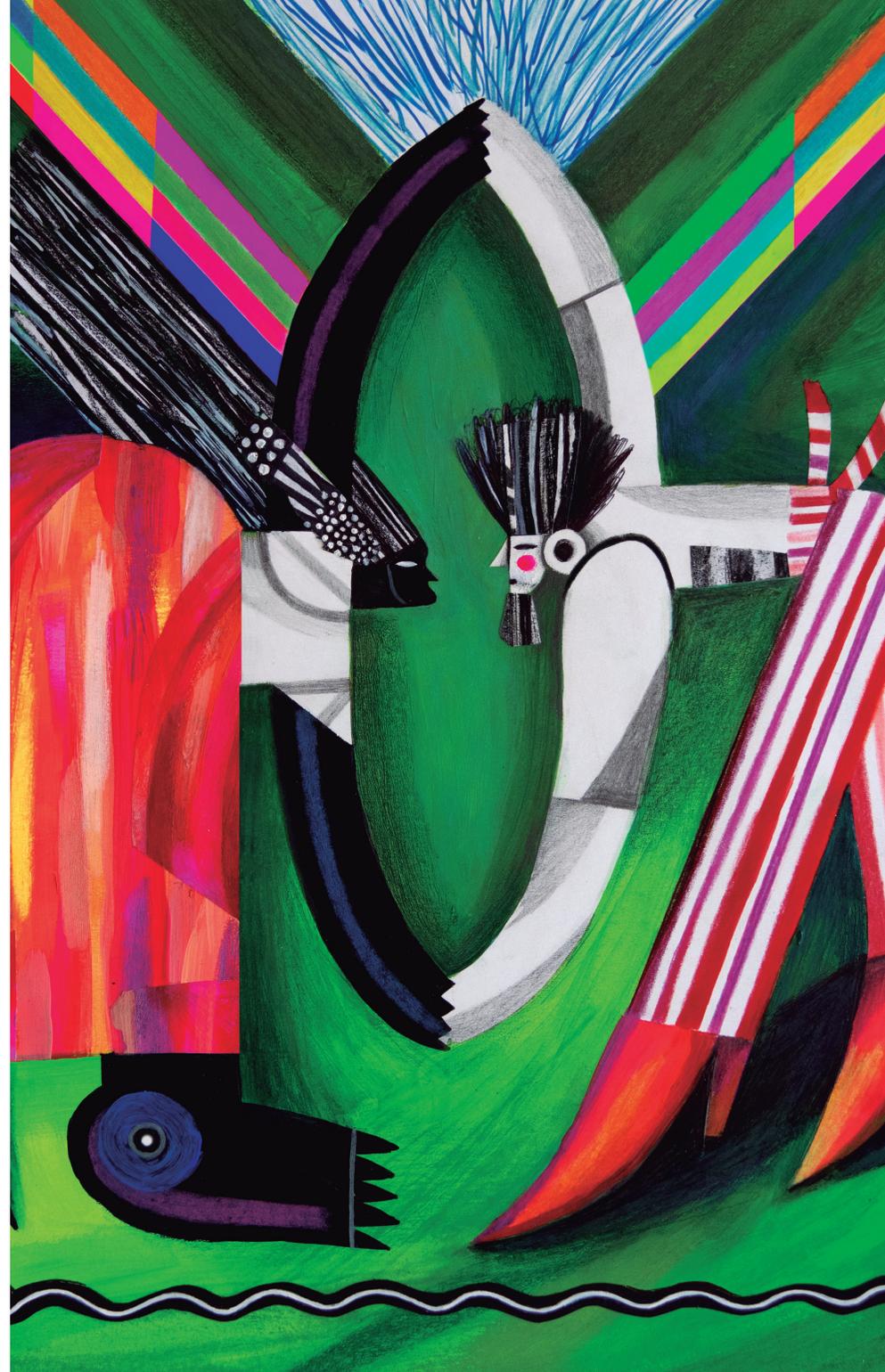
A presença de elementos originários de diferentes culturas e crenças que compõem o imaginário da sociedade brasileira faz com que um dos temas predominantes no livro seja, justamente, os **encontros com a diferença**: a descoberta e o

contato entre distintas esferas culturais, sociais, geográficas, bem como entre indivíduos de diferentes etnias e raças. Esse aspecto está em consonância com as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Além desse tema, a **diversão** e a **aventura** também dão o tom da narrativa, pois permitem ultrapassar a realidade imediata das crianças, estimulando a imaginação e o envolvimento com a leitura, tanto por meio do trabalho com a linguagem quanto pelo desenrolar dos acontecimentos na história.

As ilustrações do livro são bem coloridas e repletas de símbolos. Elementos da natureza estão muito presentes nas imagens, como sol, lua, estrelas, fogo, água, raios, árvores, flores, aves, peixes. Esses elementos também aparecem no texto, já que a aventura de Feliciano e Damiana se passa em meio a campos e matas, e enfatizam as relações das pessoas com a natureza. As pinturas que ilustram a história foram criadas pela artista argentina Anabella Lopez, que escolheu o litoral de Pernambuco, no Brasil, para morar. Ela é uma artista muito premiada, já publicou mais de quarenta títulos e muitos de seus livros foram editados em outros países.



Ler *Imãs da chuva*, prestando atenção nos tons das cores quentes que preenchem as imagens, nos símbolos que reaparecem em algumas páginas, na forma como Feliciano e Damiana são representadas, pode possibilitar a realização de boas conversas com as crianças. Vale reparar na variedade dos rostos das personagens ilustradas – as cores da pele, os tipos de cabelo – e nas roupas e acessórios que usam. A diversidade da fauna e da flora também se destaca, há inúmeras espécies de plantas e bichos compondo as imagens.

Anotar as cantigas, rezas e simpatias que as personagens, com sua peculiar sabedoria, vão entoando ao longo da narrativa e estimular a pesquisa do repertório cultural das famílias das crianças podem ser um ótimo desdobramento da leitura de *Imãs da chuva*, um livro que não deixa a gente em dúvida sobre o poder que a palavra tem, quando entoada com poesia, força e fé.

2. Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Muitas razões contribuem para que a leitura de *Imãs da chuva* seja apropriada para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A estrutura narrativa dos contos de encantamento, recheada com outros gêneros textuais poéticos (quadrinhas, cantigas,

repentes), torna a leitura prazerosa e divertida, favorecendo o estabelecimento de relações com o repertório de contos tradicionais e com o cancionário popular brasileiro. Segundo Câmara Cascudo, o conto popular é, “para todos nós, o primeiro leite intelectual”:

“Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação popular. O conto é um vértice de ângulo dessa memória e dessa imaginação. A memória conserva os traços gerais, esquemáticos, o arcabouço do edifício. A imaginação modifica, ampliando por assimilação, enxertias ou abandonos de pormenores certos aspectos da narrativa. [...] O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos. [...] Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas, ouvidas na infância.” (CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 14ª ed. São Paulo: Global, 2009. p. 9 e 10)

A presença dos gêneros poéticos se dá de forma integrada à narrativa principal, compondo um texto polifônico, que incorpora uma diversidade de vozes advindas dos rincões brasileiros mais profundos. Vêm das matas e florestas os seres encantados que acompanham as protagonistas em sua aventura para livrar o povoado da chuva ininterrupta. Seus poderes estão associados à proteção do patrimônio



natural, valioso aprendizado para todas as gerações. Vêm de terras distantes, com marcas de sincretismo cultural, as palavras de encantamento proferidas pelas mulheres sábias e pelos homens astutos presentes na história. Somente a poesia poderia entrelaçar tantas vozes com maestria, sem deixar de lado o aspecto lúdico da linguagem, que convida a brincar, enquanto narra.

Aliadas a essa potência narrativa, as ilustrações e o projeto gráfico favorecem a fruição estética, a partir de uma linguagem visual elaborada e simbólica que dialoga em complementaridade com o texto verbal. O resultado é uma singular experiência de leitura, que amplia as possibilidades do já inventivo imaginário infantil, como previsto na BNCC (Base Nacional Comum Curricular):

“Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.” (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018.)

Fincado na pluralidade cultural e na oralidade, o texto de *Irmãos da chuva* é construído com vocabulário que traduz a diversidade de saberes e dizeres, elaborado discursivamente para conversar de forma acessível com o leitor iniciante. Ao lado de palavras comuns na prosa entre comadres, à porta das casas, como “bocado”, “à tardinha”, “desembestar” e “riachim”, encontram-se vocábulos menos conhecidos, de origem indígena e africana, como “mandinga”, “peleja”, “piaba”, “taquara”, “jacurutu”, “buriti”, entre outros. O contato com esse variado vocabulário, devidamente contextualizado no enredo da história, traz em si alto potencial de aprendizagem, como indicado na Política Nacional de Alfabetização (PNA):

“O desenvolvimento de vocabulário tem por objeto tanto o vocabulário receptivo e expressivo, quanto o vocabulário de leitura. Os leitores iniciantes empregam seu vocabulário oral para entender as palavras presentes nos textos escritos. Um vocabulário pobre constitui um obstáculo para a compreensão de textos. Por isso é recomendável que, antes mesmo de ingressar no ensino fundamental, a criança seja exposta a um vocabulário mais amplo do que aquele do seu dia a dia.” (BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA – Política Nacional de Alfabetização. – Brasília: MEC, Sealf, 2019. p. 34)

Vale ressaltar que todos esses aspectos, da caracterização do gênero textual (conto de encantamento) ao caráter multicultural do vocabulário, passando por uma linguagem visual simbólica e atraente para as crianças, compõem uma narrativa literária de alta qualidade, expressa na relação intrínseca entre forma e conteúdo, o que favorece, sobremaneira, a construção coletiva de significados, pautada na interação verbal entre leitores.

3. Propostas de atividades

3.1. Pré-leitura

Irmãs da chuva é um livro com muitas portas de entrada. A escolha de qual delas abrir para apresentar Feliciano, Damiana e Tururu do Sul às crianças é muito particular de cada professor, porque depende também do modo como a obra afetou cada docente. As propostas indicadas aqui esperam reverberar percepções sobre essa incrível narrativa e podem ser adaptadas e reinventadas, a depender dos contextos escolares.

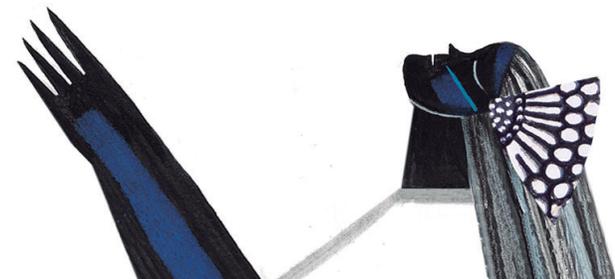
As dedicatórias são, naturalmente, uma antessala para o grande salão da história propriamente dita. No caso deste livro, a autora Gabriela Romeu e a ilustradora Anabella Lopez escrevem as seguintes dedicatórias:

“Para minhas ancestrais, em especial minha avó materna, Gabriela Terra, que me ensinou saberes de chãos e águas.” (G. R.)

“Para Laurita, minha querida amiga, irmã da chuva, irmã do sol.” (A. L.)

Iniciar uma conversa a partir desses dois textinhos pode ser uma boa maneira de se conectar com o teor afetivo que acompanha a obra literária. Há afeto e carinho nas dedicatórias, dirigidas a amigos e familiares das autoras. Será que as crianças sabem o que são “ancestrais”? Conseguem inferir, lendo o restante do texto de Gabriela Romeu? Se há referência à avó materna como uma ancestral, seriam, então, ancestrais aqueles que vieram antes de nós? As gerações mais antigas? Pode-se chamar a atenção das crianças para o fato de que a avó materna para quem a autora dedica o livro tem o mesmo nome que ela – Gabriela. E que sobrenome bonito, não? Terra. Uma outra boa pergunta é o que as crianças entendem por “saberes de chãos e águas”. A linguagem poética do livro já se apresenta nas dedicatórias.

O texto assinado pela ilustradora dedica o livro a uma amiga, Laurita, a quem nomeia “irmã da chuva, irmã do sol”. Será que Laurita é mesmo irmã de Anabella? A gente pode considerar irmão ou irmã alguém que não é da nossa família, uma amiga, por exemplo? São perguntas que, certamente, rendem uma boa conversa em torno de aspectos que também estão presentes na narrativa: transmissão de saberes, heranças, companheirismo, no apoio mútuo entre mulheres e na irmandade de Feliciano e Damiana, relações do ser humano com o meio natural.



Partindo dessa conversa, pode-se encomendar às crianças uma breve pesquisa com os familiares ou responsáveis com quem elas vivem:

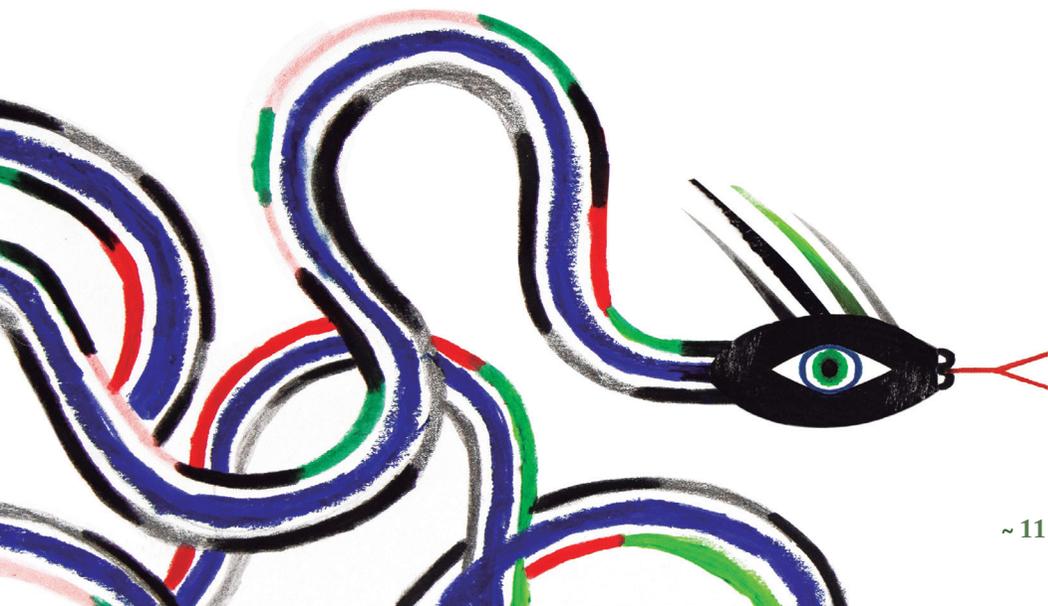
- **Quem** você considera seus “ancestrais”? **O que** sabe deles?
- Você se lembra de algum ensinamento que aprendeu com seus avós ou pessoas mais velhas com as quais conviveu?
- Você tem amigos ou amigas que considera como irmãos, irmãs? Por quê?

As respostas a essas perguntas podem dar início a um Diário de Leitura, compor um mural, ou uma página virtual, ao lado, por exemplo, da imagem da capa do livro e das dedicatórias das autoras. As crianças podem escolher qual das três respostas gostariam de compartilhar com a turma. Fotos ou desenhos acompanhando os textos também são bem-vindos.

No caso de se optar por compor um Diário de Leitura, outros registros podem ser incorporados durante e após o término da leitura, sem que isso se configure como uma tarefa burocrática, de verificação mecânica de leitura. A ideia é abrir janelas, a partir da história, para que outros leitores também possam avistar as belas paisagens que compõem a narrativa, agregando a elas suas experiências.

A leitura do prefácio é outra porta de entrada que aproxima um pouco mais os leitores da história, dessa vez pela voz de uma terceira pessoa que não é nem autora, nem ilustradora do livro. Regina Machado, que assina o prefácio do livro, é uma reconhecida narradora de histórias e professora que pesquisa narrativas transmitidas oralmente em diferentes partes do mundo. Ela escreve um texto muito bonito apresentando o livro, faz uso de uma linguagem poética que em muito se assemelha à voz autoral da Gabriela Romeu, o que antecipa, de certa forma, o que as crianças encontrarão a seguir.

O prefácio começa com uma pergunta: “Você já foi pra Tururu do Sul?” O sonoro nome do vilarejo, com assonância em “u”, pode despertar a curiosidade das crianças: qual será a origem da palavra “Tururu”? Será que esse lugar existe mesmo? Uma rápida pesquisa responde: “tururu é uma palavra de origem indígena que corresponde a uma ave da família dos anatídeos. Atualmente, a ave possui os seguintes sinônimos: bico-roxo, cã-cã, marreca-caucau, marreca-de-bico-roxo,



marreca-cã, marrecarana, marreca-tururu, marreco cã-cã, paturi.”¹ Há um município cearense chamado Tururu. Mas Tururu *do Sul* parece ser mesmo lugar inventado.

A leitura do prefácio na íntegra, feita pelo professor, com pausas para comentários e perguntas, pode bem funcionar como uma introdução à história, já que se antecipam informações sobre aspectos centrais da narrativa, como tempo e espaço, ao mesmo tempo que se guardam segredos importantes, como o nome das personagens protagonistas. Há também apreciação crítica e elogiosa sobre a linguagem utilizada pela autora, que pode ser lançada às crianças como algo com que podem concordar ou não, mas que só saberão dizer ao término da leitura. Um dos trechos do prefácio faz referência às heranças multiculturais que aparecem na história, o que pode ser relacionado com a pesquisa sobre ancestralidade e aprendizagem com os mais velhos, sugerida anteriormente:

Passa tempo e temporada, passa boi, passa boiada, e nossa gente permanece maior e mais sonora, com suas reverências e seu conhecer enraizados nas proezas herdadas dos longínquos habitantes de nossas terras. Tudo isso ainda é. (p. 8)

O parágrafo final do prefácio é literalmente um convite, uma recomendação para melhor iniciar a leitura:

Mesmo sem terem me pedido, aconselho que vocês busquem um jardim – se os passarinhos vierem, melhor será -, sentem-se numa cadeira bem confortável com um guarda-chuva ao lado e aventurem-se na leitura deste livro. Se então acontecer algum milagre, qualquer um, está tudo bem: é porque o sertão é mesmo dentro da gente. (p. 9)

O conselho de Regina Machado nas linhas finais do prefácio pode ser seguido à risca, caso seja possível, ou ainda admitir licenças poéticas para se pensar outras organizações do espaço que acolham a experiência da leitura compartilhada coletivamente.

3.2. Leitura

Por se tratar de uma narrativa relativamente extensa, a sugestão é que a leitura compartilhada, com as crianças acompanhando com o livro em mãos, seja dividida em partes. A divisão proposta a seguir procura respeitar o desenvolvimento do enredo, de modo que as interrupções se deem em trechos que gerem algum suspense acerca do desenrolar dos acontecimentos:

Parte I: páginas 10 a 27.

Parte II: páginas 28 a 40.

Parte III: páginas 42 a 66.

¹ Disponível em <https://www.tururu.ce.gov.br/omunicipio.php>



Parte IV: páginas 68 a 77.

Uma das habilidades previstas na BNCC para os anos iniciais do Ensino Fundamental é justamente:

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

Orientações para leitura e mediação da parte I: páginas 10 a 27

O trecho inicial da história apresenta tempo, espaço, principais personagens e dispara o conflito que dá mote ao enredo. É importante que o professor prepare com antecedência a leitura em voz alta, procurando apreender o ritmo e a sonoridade próprios da voz autoral, expressa na fala do narrador. Como salienta Regina Machado, no prefácio, “a fala mansa e encantada da Gabriela Romeu” é muito peculiar e requer, de quem lê em voz alta, preparo antecipado para não deixar escapar a poética da oralidade. Um outro cuidado é a pausa para apreciar as ilustrações: nem muito rápida, que impeça de ver detalhes nem muito vagarosa, que faça o leitor perder o fio da narrativa verbal.

Se o tempo da leitura em voz alta estiver em sintonia com o tempo da enunciação narrativa, é mais certo se aproximar do encantamento que as palavras guardam. Se há trechos que





pedem certa aceleração na leitura, como os períodos com enumerações – “entre duas rezas e mandingas, um bocado de verso rimado, outro tanto de encantaria e cantoria e uma travessia...” (p. 10) –, há outros que pedem desaceleração para penetrar nas camadas de significação de certas expressões poéticas – “[...] viviam de plantar saudade e colher solidão.” (p. 10).

A apresentação das irmãs Feliciano e Damiana ocorre nessa primeira parte da história. Na página 13 há uma representação visual das duas que merece apreciação, com destaque para os adornos que trazem na cabeça, os objetos que têm em mãos e os símbolos no fundo e no alto da página.

Na página 14, dois aspectos se destacam e podem ser apontados para as crianças durante a leitura: a fala de Feliciano, que se repetirá em outros trechos da narrativa (“Ô dó; ô dozinha”) e a descrição poética das cores das sombrinhas (“laranja escaldante, cor-de-rosa apaixonado, azul abafado, roxo quase-noite e verde sorridente”). A ilustração da página 15, ao lado, também requer olhar demorado. Traz algumas das cores

mencionadas no texto e um desenho mais abstrato, pinçando elementos que voltarão a aparecer adiante (a guia de contas na mão de Feliciano, uma flor do sertão com um olho no meio e raízes à mostra).

As canções, como a que aparece na página 16, estão presentes ao longo de toda a narrativa. Cabe ao professor decidir se irá ler ou cantar, encontrando a forma que se sente mais confortável. Marcas gráficas também podem orientar um determinado tipo de leitura e entonação, como a grafia crescente e em outra cor das palavras “trovões, tropejos, trovoadas”, na página 18. A observação atenta das ilustrações e do projeto gráfico são habilidades previstas na BNCC:

- (EF15LP17) Apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.
- (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

Outras personagens aparecem ou são mencionadas por Feliciano nessa parte da história, todos estranhando a chuva ininterrupta que desabou na cidade: madrinha Alexandrina; Chicão, o pescador; Maneloião, o violeiro; Dermirinha, a lavadeira; Nhô Nhô Bento; dona Roxa. É também nessas páginas que aparecem várias simpatias para fazer chover (página 24). Um bom momento para propor novo registro no Diário de Leitura: quais simpatias conhecem ou já ouviram falar? Que tal pesquisar com os mais velhos da comunidade escolar?

A sugestão é que se interrompa essa primeira parte da leitura compartilhada na página 26, que termina com as frases: “Chuva pouca é tristeza no sertão. Chuvarada é confusão anunciada”, questionando as crianças:

- **Qual** confusão está se armando no vilarejo?
- **O que** uma chuva sem parar pode causar? E **o que** será que a pode fazê-la parar?

Orientações para leitura e mediação da parte II: páginas 28 a 41

Antes de iniciar a leitura da página 28, é importante retomar as questões que finalizaram a leitura anterior e as hipóteses levantadas pelas crianças. A partir daí, prossegue-se a leitura para verificar se as ideias que trouxeram de fato vão se confirmar na continuidade do enredo. Logo nos primeiros

parágrafos da página 28 percebe-se que a solução encontrada para fazer cessar a chuvarada foi a cooperação, já que todo o povo de Tururu do Sul se mobiliza para salvar o vilarejo do dilúvio. Entram em cena saberes e fazeres dos moradores locais para apoiar as irmãs Feliciano e Damiana em sua busca por interromper a chuva provocada por uma cantoria equivocada. Vale observar que Noquinho, a bordadeira, e dona Roxa usam recursos já vistos em contos infantis clássicos: a linha e a agulha traçando caminhos para as personagens lembram a roca de fiar na qual a Bela Adormecida espeta o dedo; pombinhas mensageiras carregando o bordado até as irmãs da chuva lembram os ratinhos que transportam Cinderela até o baile. Pode ser interessante lançar uma pergunta ao grupo, questionando se eles se lembram desses recursos usados nas histórias citadas, provocando uma reflexão sobre as semelhanças que essa narrativa, autoral, tem com as histórias de origem oral.



Merece especial destaque a dupla de páginas (30 e 31) que anuncia o “Plano Bordado” riscado por Noquinha. A ilustração, repleta de símbolos, antecipa elementos que serão encontrados pelas personagens em seus distintos caminhos.

A partida de cada uma das irmãs rumo ao cruzeiro, onde juntas cantariam para fazer parar a chuva, assemelha-se à de muitos heróis dos tradicionais contos de fadas, como indicado por Vladimir Propp em seu estudo *Morfologia do conto maravilhoso*:² há um dano a ser reparado, que exigirá das heroínas o vencimento de determinadas provas e desafios que encontrarão ao longo do percurso. Para suplantá-los, receberão ajuda de personagens-auxiliares e contarão, ainda, com o apoio de objetos mágicos. No caso de Feliciano e Damiana, cada uma delas parte com seus objetos-amuletos: Damiana leva “uma pequena medalha de São Francisco de Assis, um frasco com água benta e uma peneira. [...] Lembrou-se ainda de carregar uma velha sombrinha”. Já Feliciano “colheu do quintal uma espada-de-são-jorge, ajeitou sua guia de contas no pescoço, se fartou de água de cheiro de sete folhas”. (p. 32)

Novamente pode-se reforçar essa semelhança com histórias tradicionais. Será que os estudantes se lembram de outros objetos-amuletos de outros enredos? Também cabe aqui mais uma proposta interativa para o Diário de Leitura: quais objetos-amuletos as crianças escolheriam carregar consigo, se tivessem de fazer uma travessia como a das irmãs da chuva?

2 PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. 1ª ed. trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

Que tal acharem um espaço para disposição de um relicário coletivo onde pudessem expor esses objetos-amuletos?

Nas páginas 38 e 39, há um importante prenúncio do desfecho da história. É preciso cuidado para não estragar a surpresa e antecipar o final. Trata-se da oracular profecia de dona Roxa sobre o destino das irmãs da chuva:

– Essas irmãs rezadeiras são duas corujas veias – falava dona Roxa.

[...]

– De tardinha, as duas somem, viram jacurutus e assombram pelos telhados – sempre alguém esticava a prosa.

Vale chamar atenção das crianças para a ilustração do jacurutu (coruja) na página 39, pois ela retornará adiante.

Essa segunda parte se encerra na página 40, no momento em que Damiana chega à ponte da Saudade e cria-se um suspense: será que ela conseguirá atravessar? A interrupção da leitura nesse trecho pode gerar curiosidade nas crianças, que ficarão à espera do que virá na parte seguinte da história.

Orientações para leitura e mediação da parte III: páginas 42 a 66

Para retomar a narrativa, vale lembrar o desafio enfrentado por Damiana no trecho lido anteriormente: atravessar a ponte da Saudade, o que só era possível por quem sentia falta de al-



guém e não era o caso dela... No início da página 42, vem a resposta. Ela se lembra da madrinha Alexandrina, que cantava saudade de um amor antigo enquanto catava feijão, e consegue atravessar. Cantar enquanto cata feijão, cantar enquanto lava roupa, cantar junto de afazeres domésticos é uma tradição em várias regiões do país. Uma pesquisa sobre os tradicionais cantos de trabalho entoados em muitos cantos do país, finalizada a leitura, pode render boas descobertas!

Seguindo o fio da história, Feliciano, por sua vez, encontra a Pesadeira, uma criatura da noite, e volta ao seu dizer característico, já presente em outros trechos do texto: “Ô, dó; ô, dozinha”. (p. 48). Pode ser que as crianças queiram repetir esse refrão da Feliciano junto com a leitura do professor. Vale o convite! Vem, em seguida, nova simpatia ou “benzedura”, como diz ela, cujo verso que se repete três vezes é: “Santa Luzia passou por aqui com seu cavaliño comendo capim” (p. 48). Será que alguém conhece os poderes milagrosos de Santa Luzia, a protetora da visão?

Nesse trecho do livro, alterna-se de modo bem equilibrado a narração do percurso das irmãs: ora acompanhamos Feliciano, ora Da-

miana, no itinerário até o cruzeiro. Pode ser bacana brincar com essa alternância de algum modo na leitura em voz alta, variando a posição, a voz, marcando gestualmente a mudança do foco narrativo.

No caminho de Damiana, aparece, então, o riacho das Piabas transbordado e ela tem o desafio de atravessá-lo, sem canoa. Nessa hora, surge a cantiga de roda que vai ajudar a moça a atravessar o riacho. Convidar as crianças a cantarem junto e somar força com Damiana na travessia é uma boa ideia. É também nesse momento da narrativa que Damiana faz uso de um de seus objetos-amuletos. Será que as crianças conseguem antecipar qual objeto a ajudará na travessia? É na página 54 que está a resposta: Damiana tira da bolsa a peneira para pescar uma piaba e engolir inteirinho esse peixe tão presente no imaginário de populações ribeirinhas do país. Só assim conseguirá atravessar o riacho.

Feliciano, em seu caminho, reencontra Maneloião, que a ajuda a fazer as pazes com o Cumpadre, também conhecido como Caboclo d’Água, uma personagem encantada, assim como a Pesadeira, que atravessara o caminho de Damiana. Apreciar com calma as ilustrações que apresentam esses seres é uma boa pedida para o momento da leitura em voz alta. Nas páginas 61 e 65, há ilustrações do Cumpadre ou Caboclo d’Água, em distintas perspectivas. Vale a pena ir e vir em uma e outra página, destacando elementos que reaparecem, como a cabeça do Cumpadre que parece cuspir água, seu corpo que lembra o rabo de uma sereia e seus olhos vermelhos a encarar, do alto, Feliciano.

Orientações para leitura e mediação da parte IV: páginas 68 a 77

No trecho final da história, a alternância na narração dos percursos de cada uma das irmãs cessa porque as duas, finalmente, se encontram. A ilustração da página 69, que representa o alto do cruzeiro para onde as irmãs caminham, merece especial apreciação. O que as crianças veem nessa imagem? Uma montanha? Um manto? E as cores, o que representam?

No texto que acompanha a imagem, na página 68, chama a atenção a menção à união das irmãs da chuva: encontram-se num abraço apertado, recordam as muitas vezes que subiram aquela trilha para pedir chuva, estão de mãos dadas e rezam juntas para Santa Bárbara. A união das heroínas, depois de vencerem um trajeto com muitos obstáculos, anuncia a proximidade do desfecho da história. O que vai acontecer agora? A chuva, finalmente, vai cessar ou alguma surpresa está reservada para o leitor? O que imaginam as crianças?

As duas entoam benditos, que são, originalmente, cânticos de agradecimento ou louvor, buscando desfazer o encantamento que havia provocado a chuva ininterrupta. Nesse trecho, também vale um cuidado especial com a leitura em voz alta. Se for possível representar as duas vozes, de Feliciana e de Damiana, isso aproximará mais os leitores do ritmo e do movimento propostos pela autora como efeito nesse trecho final. Intercalado aos cantos, vem a voz do narrador indicando o que se passa com o tempo – se há raios e trovões, se a chuva apertou ou diminuiu. Há um suspense nesse mo-

mento, o canto tem longa duração, o encanto tem força, o desencanto também precisa ter.

A ilustração da página 75 requer uma pausa mais demorada na apreciação, pois antecipa o que virá. Se observarmos atentamente a imagem, veremos que os corpos das duas irmãs se fundem num só e por trás de seus braços podemos vislumbrar o início de uma metamorfose.

- O que são as pontas em tons de vermelho que acompanham a extensão dos braços? Garras? Penas?

A leitura da última página responde a essas perguntas, encerrando o suspense. Em narrativa ensolarada, vemos a imagem do



vilarejo já sem chuva, céu limpo, portas e janelas se abrindo. As irmãs da chuva conseguiram! Não foi só a chuva que cessou, outras mudanças importantes se deram em Tururu do Sul depois do aguaceiro. Quais? Os peixes voltaram para o rio, os relógios tornaram a marcar as horas, os pescadores retornaram. A pergunta que merece destaque na leitura em voz alta feita pelo professor ou professora é: “E as duas irmãs? Nem sinal. Ninguém nunca mais soube, ninguém nunca mais viu”. (p. 76). Antes de ler as frases finais e passar para a observação da imagem da página 77, vale um questionamento para ouvir as hipóteses das crianças.

- O que pode ter acontecido com elas?

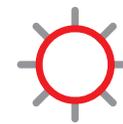
O prenúncio de dona Roxa se concretiza: “Essas irmãs rezadeiras são duas corujas veias” (p. 38). A imagem da página 39 retorna agora, na 77. Ao invés de uma, duas corujas.

- As irmãs da chuva viraram mesmo duas jacurutus? Será possível?

Pode ser que as crianças respondam que nessa história tudo é possível: encantarias, milagres e assombros.

Outro aspecto a ser destacado com os leitores e leitoras diz respeito ao narrador da história. Pode ser interessante perguntar:

Quem será que conta a história vivida pelas irmãs Feliciano e Damiana? Quem seria capaz de conhecer uma história sussurrada pelo vento lá do alto da torre, entre badalares cansados do tempo? E quem, como está escrito no final da história, seria capaz de sobrevoar junto com duas jacurutus os telhados e os cochichos de Tururu do Sul? Um narrador comum? Um encantado ou uma encantada?



Um novo folhear das páginas é sempre bem-vindo depois que uma bela história finda: dá saudade, vontade de continuar perto das personagens, buscar um detalhe que escapou, se surpreender mais uma vez. Deixar as crianças folhearem seus livros, comentando livremente o que desejarem, é uma ótima maneira de terminar recomeçando. Nessa retomada, habilidades previstas na BNCC estão contempladas:

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

3.3. Pós-leitura

A sugestão de se compor um Diário de Leitura coletivo, com registros regulares e espaçados, acompanhando a leitura e a releitura da obra, pode ser retomada e ampliada, após o término da leitura compartilhada. Uma obra como *Imãs da chuva* reverbera não apenas sentidos, mas a própria escrita. Por se tratar de uma narrativa poética, entremeada de cantigas, peijas, quadrinhas, simpatias, rezas e benzeduras, abre-se de modo muito pujante a possibilidade de se compor uma *Coletânea de saberes encantados*. A diversidade de gêneros a promover essa coletânea inspira-se na própria composição do livro e pode envolver professores de outras áreas do conhecimento: Artes Plásticas, Música, Ciências da Natureza e Humanas.

3.4. Outras propostas de abordagem da obra – Comunidade de leitores e leitura em casa (literacia familiar)

Além das simpatias, do relicário coletivo e da pesquisa sobre os cantos de trabalho sugeridos anteriormente como possíveis intervenções, pode-se organizar uma exposição aberta para a comunidade ou mesmo fazer circular a *Coletânea de saberes encantados* na casa das crianças, juntamente com o livro, promovendo um diálogo entre gerações.

Assim como em *Imãs da chuva* a presença dos mais velhos se fez notar em importantes momentos da história, a amplificação da leitura do livro pode alcançar uma interação intergeracional promotora de aprendizagens importantes.

O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal. Esse conjunto de práticas e experiências recebe o nome de **literacia familiar** (WASIK, 2004; SÉNÉCHAL, 2008). [...] Práticas de literacia familiar facilmente incorporáveis ao cotidiano da família são a conversa com a criança, a narração de histórias [...] além de muitas outras que se podem fazer em casa ou fora dela, na comunidade e em bibliotecas. (BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. PNA – Política Nacional de Alfabetização Brasília: MEC, Sealf, 2019. p. 23)

O vídeo em que a autora, Gabriela Romeu, apresenta a obra aos leitores pode ser inspirador para a criação de uma resenha falada sobre a *Coletânea de saberes encantados*, convidando a comunidade escolar a conhecê-la. No vídeo, vale notar que, enquanto apresenta o livro e lê alguns trechos, a autora caminha por uma exposição com vários objetos mencionados na história. Podem-se observar, ainda, páginas ilustradas do livro em tamanho ampliado. São ideias para configurar também um cenário que ficará ao fundo da gravação da resenha falada, que poderá ser feita pelas crianças em grupos, cada um deles apresentando uma seção da coletânea. São modos de colocar as crianças como protagonistas dos saberes que constroem, entre eles o de comunicar suas aprendizagens à comunidade escolar.

Bibliografia comentada

BRASIL. Ministério da Educação – Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em agosto de 2021.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Orientada pelos

princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

BRASIL. Ministério da Educação – Política Nacional de Alfabetização (PNA). Disponível em <http://alfabetizacao.mec.gov.br/>. Acesso em agosto de 2021.

O Plano Nacional de Alfabetização (PNA) é um documento feito pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 14ª ed. São Paulo: Global, 2009.

Um dos maiores folcloristas e estudiosos da cultura popular brasileira, Luís da Câmara Cascudo apresenta nesse volume uma pesquisa etnográfica que resulta em coletânea de contos de tradição oral, recolhidos em diferentes regiões do país. O autor classifica as narrativas em: contos de encantamento, de exemplo, de animais, religiosos, etiológicos, de adivinhação, de demônio logrado, de natureza denunciante, acumulativos, de tradição, do ciclo da morte e facécias.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. 1ª ed. trad. Jasna Paravich Sarhan. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

O estudo de Vladimir Propp sobre os contos maravilhosos tornou-se um clássico na linha crítica formalista. O padrão narrativo observado por ele é referência mundial na análise de narrativas tradicionais, como os contos de fadas. A categorização que fez sobre a função das personagens e a ordem pouco variante dos acontecimentos, comuns aos enredos dessas histórias, dá aos críticos uma referência de análise morfológica e aos escritores um parâmetro norteador para autoanálise criativa.

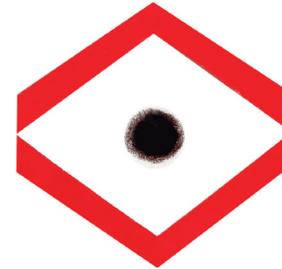
Referências Bibliográficas complementares

BAJOUR, Cecilia. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento para que seja possível identificar e acompanhar as aprendizagens dos leitores.

MONTES, Graciela. *Buscar indícios, construir sentidos*. Salvador: Selo Emília e Solisluna Editora, 2020.

O livro é composto por textos de dezesseis palestras realizadas entre os anos de 1997 e 2006 pela autora argentina de literatura infantil e juvenil e importante pensadora sobre a formação de leitores. Ao longo das páginas, Graciela nos apresenta, com erudição e poesia, suas ideias sobre o que está em jogo quando lemos literatura, o que significa poder ler textos literários na contemporaneidade, quais são os sentidos da leitura literária para a nossa vida e humanidade.



 Peirópolis